



Jornal de Angola

NOTAS, RESENHAS E COMENTÁRIOS

LEMAS E TEOREMAS
- Apontamento sobre arte negra¹

EUGÉNIO FERREIRA

Em todos os movimentos dialécticos integrados na sobreestrutura ideológica de uma sociedade africana, coberta pela dialéctica do movimento histórico, a mais controversa foi, sem dúvida, na primeira metade deste século, o mundo das artes plásticas, eivado de dúvidas, problemas, mistérios e interrogações, ainda hoje irrespondidos e indecifrados.

Referimos, tão somente, as mais recentes como, por exemplo, a silhueta duma dama branca, numa pintura rupestre, a 2.000 metros de altitude, em Acouanrhet, Jabbaren, Cote d'Ivoire, e cujo estilo corresponde a uma técnica, levada pelos portugueses, segundo Lheto; e a arte naturalista, como a dos bronzes do Ifé, atribuída à África negra, é realmente autóctone? Tais problemas são, porém, ultrapassados pelo problema fundamental da própria existência da arte africana, que se biparte em duas teses incoincidentes: Marcel Griaule e Annie Messon-DETOOURBET minimizam os valores estéticos e humanos da arte negra; o primeiro, sentenciando, sem reservas, que: "As regiões actualmente conhecidas não tem sido senão superficialmente detectadas; o mais grave é que o mundo branco está habituado a ver no mundo negro uma incoerência atrasada, inconsciente; Annie só descobriu máscaras de madeira, em Angola.

Em divergência total deste crítico de arte, Henri Lavachery denunciou que "entre os paralelos 15, norte e sul se encontra uma rica estatuária negra, na costa Ocidental Atlântica, desde o Senegal até Benguela, interlande do Sahara meridional até à Rodésia e a margem correspondente do Oceano Índico. As obras consideradas aqui, são as de populações que conduzem há muito tempo uma vida agrícola mais ou menos sedentária, que habitam um país de florestas muito espessas, nas margens do Equador, tanto ao norte como ao sul, um país de savanas, ervas altas, pequenos

bosques, ao norte como ao sul desta zona. Concorda-se em reconhecer ao negro alma de camponês.

Nas sociedades negras, colectivistas, e fortemente hierarquizadas, a família desempenha um papel capital. Também a religião dos negros é agrária e familiar. A estatuária, sendo essencialmente religiosa, um breve exame torna-se indispensável se queremos compreender a arte africana. Outra distinta investigadora Madeleine Rousseau, em 1958, afirmou que a África tem todas as formas de arte possíveis; ali se encontram, desde o realismo do Ifé, do Benin, dos Yoruba, do Luba, no Congo, as formas geométricas do Dogno a arte abstracta dos frescos pré-históricos da Rodésia.

Esta eventual inconciliabilidade doutrinal, na história da arte não constitui originalidade, vinha de longe. E menos rara, ainda, na história da África, sempre breve e lacónica. Razões óbvias, alheias às estéticas, interpõem-se, quase sempre, e deturpam e confundem o sentido real das coisas e dos homens.

Em 1957, quando nova polémica deflagrara na zona da Nigéria, surgiu Claude Roy com o seu livro "Arts Sauvages", rectificando alguns erros clássicos e recordando algumas realidades esquecidas por africanos e, ao que parece, ignoradas pelos críticos das academias burguesas da Europa.

Esqueciam, por exemplo, que a África nunca possui museus, galerias de arte, centros de formação profissional e artística, nem escolas de ensino médio.

Se um cidadão alimentasse o desejo de estudar a arte africana antiga ou recente, e percorresse o continente, do norte ao sul, do Mediterrâneo ao Índico, de Fernando Pó a Mombaça, encontraria quando muito, obra de artesanato, cujo cunho estético - se o tivesse - estaria, certamente, diluído pelo inevitável tique mercantil (o que se nos afigura lógico), e, portanto, deturpante.

Mas, então, ocorre perguntar: onde estão guardadas, expostas, as obras de arte negra que, no primeiro quartel deste século, despertaram o entusiasmo de Modigliani, Picasso e Van Gogh?

Em "Arts Sauvages", Claude Roy responde sem hesitação: "embelezando alguns dos mais importantes museus da Europa, como o de L'Homme, o Britânico, o etnográfico, de Geneve, o de Berlim, o de Zurich, o de Tervuren, na Bélgica, o de Bale e o estatal de Washington; as colecções famosas de Charles Roten, Louis Garré, Tristan Tzara, Leonor Pierre Guerre e outros.

Esta notícia de Claude Roy data de 1957, há trinta anos, portanto.

Indicia-se, assim, que não será mais possível apreender o ritmo inigualável da arte negra, integrada no estilo misterioso, que mostra as

relações sensíveis que existem entre um pagode indu e os frescos de Ajunta ou entre uma tela de Rubens e uma casa holandesa ou entre o Palácio de Florença e os frescos de Giotto ou entre a Capela Sixtina e o Palácio de Versalles, essa analogia universal de criação prevista divinatoriamente por Elie Faure?

NOTA

1. Retirado de "Jornal de Angola".

"THÉATRON": O Diálogo e a Máscara
(Fragmentos)

CELINA SILVA
Univ. do Porto

Cultural, em acepção dupla - antropológica e sociológica -, o teatro consigna, de forma exemplar, a problemática de charneira do mundo do humano: a da capacidade de simbolização e sobretudo a da representação, consquência daquela.

Sendo a ordem do humano marcada pela possibilidade de construir sistemas representativos até o infinito, o "animal político", segundo a formulação aristotélica, isto é, social, enquanto comunicativo se define. A necessidade da comunicação que o caracteriza pressupõe, portanto, a existência de uma vontade e de um acordo tácito, bem como a vigência de uma dada ficcionalidade. É, pois, o fictício que se converte em força instauradora dessa grande propriedade de gerar imagens, figurações, representações: o Imaginário.

Social e comunicativo, o teatro constroi a sua "terrível realidade" mediante o pacto que inevitavelmente pressupoem as duas grandes linhas que no mundo do simbólico se demarcam. A situação lúdica e o questionar cognitivo radicam numa espécie de "fazes de conta" ou "suponhamos"; um pacto ficcional instaura o representativo, seja ele lógico ou analógico.

O teatro, complexa construção de tensões em equilíbrio e expansão, actuação e acção, representação e representificação, actualização e apresentação, onde o humano, individual e universalmente, a si mesmo se erige em espectáculo, se objectiva e se transforma, se transfigura para se ver, como visão mutante se dando. "Théatron" etimologicamente significa o que se vê e, "Ver é a conjugação pefeita dos cinco sentidos" (Almada Negreiros), uma forma de conhecimento.

Construção de uma realidade imaginária proposta e compartilhada, feita da intersecção das várias formas artísticas, fulcral figuração hipercodificada que se desenrola no efémero de uma temporalidade de pleno presente performativo e de uma espacialidade sintética e paradoxalmente aberta e fechada, caracterizada por uma notável convergência

significativa. Nele o humano se revê, a si mesmo se identifica como actor,oficiante de uma acção que adquiriu as dimensões de ritual. Assim, o teatro se converte em fundador de uma realidade, construtor de um mundo gerado por um processo analógico. A efemeridade da criatura actuante transforma-se na inaugural figura do criador, "cosmocrator", por aquilo que criado foi.

Diálogo do eu profundo e do eu social, a voz(-off) que por debaixo da máscara, ocultação de um rosto e simulacro de um outro rosto, fala, luta de "personnae", figurações, figuras que agem, convergem, dando corpo a uma representação de uma realidade e de uma acção, de uma "ilusão dramática"... à semelhança da Realidade, cujo teor ilusório, cuja ficcionalidade é por suposto e "dramaticamente" elidida.

BREVE COMENTÁRIO SOBRE UM TEXTO NECESSÁRIO E ÚTIL

ELISABETE MASINI HEIN
UNICAMP

“No Caminho Doloroso das Coisas” - Antologia de jovens poetas angolanos - União dos escritores angolanos - 1988.

“As palavras escorrem das pontas dos dedos
fecundam o chão como a ponta da lança
tudo transformam em verdade d’esperança”.

Victor Jorge

Certamente quem começar a ler “No Caminho Doloroso das Coisas” não conseguirá deixar a obra antes de ter chegado ao ponto da última poesia. A nossa leitura flui através do mundo angolano visto pelos olhos dos poetas.

Trata-se da primeira antologia de jovens poetas angolanos surgida no período pós-independência. O organizador J. A.S. Feijó K., nos diz que a obra é o “grito de postura no caminho das coisas, segundo ela mesmo: - A palavra profética ainda fresca”. (p.12).

Embora pouco conhecida no Brasil (mesmo sendo escrita em língua portuguesa, o que facilitaria o acesso do leitor brasileiro) a literatura angolana tem uma tradição que remonta a meados do século passado, contando com grandes escritores conhecidos internacionalmente como Agostinho Neto, Castro Soromenho, Manuel Rui e Luandino Vieira, entre outros, escritores cuja obra literária caminhava paralelamente às lutas pela independência.

A presente antologia reúne obras de dezenove poetas, quase todos pertencentes à Brigada Jovem de Literatura de Luanda e à União dos Escritores Angolanos, os quais são ao mesmo tempo reflexos e elementos constituintes da totalidade que desnudam e em que se inserem - o mundo angolano pós-independência.

Existe um fio condutor da maioria das poesias que nos é dado pela função que a palavra desempenha na luta do e pelo nacional: a valoração da possibilidade da Pátria amarrada e castigada durante anos.

A palavra tem o poder de reconstituição da terra e do homem angolanos para os poetas. Daí o título desta breve consideração: texto necessário e útil, não só aos próprios angolanos e outros povos da África que foram marginalizados pelo domínio português de tantos anos, mas também a nós, leitores e estudiosos brasileiros que cada vez mais nos certificamos da importância da compreensão da dinâmica própria das comunidades africanas e da sua literatura específica.

Muito se poderia dizer sobre cada poesia, prefiro entretanto, deixar registrada aqui uma pequena amostra da antologia para que o leitor faça a descoberta da Angola pós abril de 1974:

ARTE POÉTICA

Que erosão
No choque genético das marés
de encontro às pedras habitadas.

Cai areia na areia.

Assim o gasto da palavra.
limando os duros conformismos
libertando as verdades mais remotas
tão necessárias ao fruir dos gestos.

(26/04/79 - José Luís Mendonça)

POEMA PARA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

No meio do caminho tinha uma pedra.
C.D.A.

É útil redizer as coisas
as coisas que tu não viste
no caminho das coisas
no meio do teu caminho.

Fechaste os teus dois olhos
ao bouquet de palavras
que estava a arder na ponta do caminho
o caminho que esplende os teus dois olhos.

Anuviaste a linguagem de teus olhos
diante da gramática da esperança
escrita com as manchas de teus pés descalços
ao percorrer o caminho das coisas.

Fechaste os teus dois olhos
aos ombros do corpo do caminho
e apenas viste uma pedra
no meio do caminho

No caminho doloroso das coisas.

(João Maimona)

OS MAL DITOS

No sentido do sonho
tergiversa o verbo

Quimbandas sábios
feiticeiros e adivinhos
exorcisam o espírito
em diabólica orgia

vejo-te grávido, impávido
ávido no desejo de ser e dizer

oh

mensageiro do fel das chagas
teço um fio d'esperança
para o curso do leite lesto

Vamos directos e erectos
nas auroras da África estranha
de pesadelos e caricata
reconstruir o sol.

(Joca Paixão)

AS PALAVRAS

Escorrem palavras
das pontas dos dedos
fecundam a terra
afastam os medos
destroem em nós
do mundo os segredos
e gravam futuro
em todos os enredos

Mas quem colhe
a gota da chuva?
quem dança?
Quem reflecte no seu olhar
a paisagem mansa
do lago?
Quem gosta de andar
e se transforma
ao transformar
constantemente num mago?

As palavras escorrem das pontas dos dedos
fecundam o chão como a ponta da lança
tudo transformam em verdade d'esperança.

(7.3.84 - Victor Jorge)